

O ANTAGONISMO ENTRE MICHEL FOUCAULT E JURGEN HABERMAS: UMA ANÁLISE MÚTUA DO MARXISMO NO SÉCULO XX

THE ANTAGONISM BETWEEN MICHEL FOUCAULT AND JURGEN HABERMAS: A MUTUAL ANALYSIS OF MARXISM IN THE TWENTIETH CENTURY

Raul de Souza Hoffmann¹
Igor Guedes Ramos²

1. Graduado em Filosofia e especialista em História, Cultura e Poder pela Universidade do Sagrado Coração, Bauru/SP. Contato: raulshoffmann@gmail.com

2. Doutor em História pela UNESP/Assis-SP, professor colaborador do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina-PR. Contato: igor.guedes.ramos@gmail.com

Contato:
Raul de Souza Hoffmann
raulshoffmann@gmail.com

Recebido em: 15/02/2017
Aceito em: 28/09/2017

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jurgem Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

RESUMO

Introdução: dificilmente um pensador vivendo na Europa no século XX, se manteria neutro em relação às várias correntes marxistas e/ou comunistas que fomentavam as discussões nos bares, cafés e nas ruas. O comunismo, mais do que uma filosofia, se tornou ferramenta de poder político capaz de servir de base a grandes nações. **Objetivo:** analisar o antagonismo entre Jürgen Habermas e Michel Foucault, assim como as críticas que ambos fazem ao marxismo. **Resultados e discussão:** Habermas, considerado um dos últimos representantes da escola de Frankfurt, critica a razão instrumental e propõe em seu lugar uma razão comunicativa, uma forma de diálogo que busque, através do melhor argumento, uma conciliação entre aqueles que antes divergiam em qualquer aspecto. Foucault não acredita ser possível tamanha pretensão, pois defende que sempre haverá dissensão e

ainda crê que uma moral universal possa ser bastante negativa, uma vez que excluiria as divergências que possibilitam debates e críticas. Foucault não dialogou diretamente com Habermas, mesmo este o citando e criticando seus escritos, todavia, toda obra de Foucault parece representar o contrário do que acredita o filósofo alemão, portanto, trataremos de elucidar tais diferenças entre eles partindo da análise que ambos fazem ao marxismo do século XX. **Considerações finais:** a possibilidade de um debate entre ambos os autores não se concluiu, ora pelo caráter mais agressivo de Habermas, ora pela postura aristocrática de Foucault. A hermenêutica e a genealogia são dois métodos de análise diferentes que não precisam se excluir e não podem se unificar, podem apenas coexistir. Talvez resida nessa coexistência pacífica maiores benefícios e o melhor exemplo para o pensamento e a ação contemporânea.

Palavras-chave: Michel Foucault. Jürgen Habermas. Razão. Marxismo.

ABSTRACT

Introduction: hardly a thinker living in Europe in the twentieth century, would remain neutral in relation to the various Marxist and / or communist currents that fomented discussions in bars, cafes and on the streets. Communism, more than a philosophy, has become a tool of political power capable of serving as a basis for great nations.

Objective: to analyze the antagonism between Jürgen Habermas and Michel Foucault, as well as the criticism that both make to the Marxism. **Results and discussion:** Habermas, one of the last representatives of the Frankfurt School, criticizes the instrumental reason and proposes instead a communicative reason, a form of dialogue that seeks, through the best argument, a compromise between those who before differed in any aspect. Foucault does not believe it is possible such pretension, he argues that there will always be dissension and still believes that a universal morality can be quite negative, as it would exclude the differences that allow debate and criticism. Foucault does not dialogue directly with Habermas, even that the citing and criticizing his writings, however, every work of Foucault seems to represent the opposite of what believes the german philosopher, therefore, we will try to elucidate the differences between them based on the analysis that both make

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

the Marxism of the XX century. **Conclusion:** the possibility of a debate between the two authors was not concluded, either by the more aggressive character of Habermas, or by Foucault's aristocratic posture. Hermeneutics and genealogy are two different methods of analysis that need not be excluded and can not be unified, can only coexist. Perhaps there will be greater benefits and the best example for contemporary thought and action in this peaceful coexistence.

Keywords: Michel Foucault. Jürgen Habermas. Reason. Marxism..

INTRODUÇÃO

Difícilmente um pensador vivendo na Europa no século XX, se manteria neutro em relação às várias correntes marxistas e/ou comunistas que fomentavam as discussões nos bares, cafés e nas ruas. O comunismo, mais do que uma filosofia, se tornou ferramenta de poder político capaz de servir de base a grandes nações. Conforme Eribon (1996), na França, por exemplo, 25% dos votos nas eleições eram ao Partido Comunista. Entretanto, historiadores divergiam nas críticas a essa forma de análise e gerenciamento econômico, político e social, entre eles estão Michel Foucault e Jürgen Habermas.

Foucault foi membro do PC por três anos, como intelectual não escapou da força que o comunismo tinha em seu tempo, embora tenha participado pouco das reuniões (RAMOS, 2004). Todavia, se Foucault hesitou para se filiar ao partido, se ficou por pouco tempo e principalmente por ter optado por sair, foi por ter enxergado uma dicotomia entre sua homossexualidade e o ideal de cidadão divulgado pelo PC, pois este entendia a homossexualidade como uma anomalia, uma doença. (ERIBON, 1996). Além disso, o filósofo francês enxergou desde cedo os perigos oriundos de discursos que visam normatizar e construir padrões ideais. A problematização constante dos discursos e práticas é uma ferramenta indispensável para Foucault e a padronização vai de encontro ao que o pensador acredita. Portanto, Foucault logo desiste do PC, pois percebe suas falhas e não se vê de acordo com todos os seus ideais, opta por ficar concentrado em suas produções e reflexões de modo mais reservado.

É sabido que existem debates e polêmicas sobre as fases, momentos e transformações no pensamento de Foucault, contudo, entendemos que o que ocorreu foi, de um lado, um desenvolvimento adicional que permitiu acrescentar novos objetos, questões, argu-

mentações, modelos explicativos, etc.; e, de outro lado, uma reorganização para conectar essas “novidades”; criando uma trajetória que expressa diferentes enfoques de um mesmo problema. Nas palavras do filósofo:

Três domínios da genealogia são possíveis. Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeitos de saber; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como agentes morais. Portanto, três eixos são possíveis para a genealogia. Todos os três estavam presentes, embora de forma um tanto confusa, em *História da Loucura*. O eixo da verdade foi estudado em *Nascimento da Clínica e As Palavras e as Coisas*. O eixo do poder foi estudado em *Vigiar e Punir*, e o eixo ético em *História da Sexualidade*. 3

Nesse sentido, no presente trabalho optamos por sintetizar o conjunto de críticas que Foucault fez ao marxismo ao longo de sua trajetória, desconsiderando as polêmicas e debates sobre as fases de seu pensamento. Já que verificamos que as críticas não se anulam, apenas mudam de foco e se complementam.

Diferente de Foucault, Habermas encontrou outros motivos para desaprovar o comunismo do século XX. O filósofo alemão, famoso por conseguir alcançar várias áreas e autores, apresenta não apenas críticas ao comunismo, mas também propõe uma nova forma de gerir as relações e buscar um convívio em sociedade verdadeiramente democrático a partir do diálogo e da comunicação, o que ele chamou de razão comunicativa.

Habermas busca enfrentar um grande desafio já identificado por outros autores como Weber, Adorno e Horkheimer, mostrar que o Iluminismo, aquele que pregava a superação social através do uso correto da razão, acabou por fracassar e se transformar em ferramenta de domínio da natureza e do homem, servindo principalmente para consolidar o capitalismo. (PINTO, 1995).

Sendo assim, essa razão técnica, que aparece no comunismo, por exemplo, deve ser superada e substituída pela razão comunicativa.

Podemos dizer então que para Habermas, a ação comunicativa surge como uma interação de, no mínimo dois sujeitos, capazes de falar e agir, que estabelecem relações interpessoais com o objetivo de alcançar uma com-

3 FOUCAULT, Michel. Entrevista In DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 262.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

preensão sobre a situação em que ocorre a interação e sobre os respectivos planos de ação com vistas a coordenar suas ações pela via do entendimento. (PINTO, 1995, p. 80).

Podemos perceber, portanto, que tanto para Foucault quanto para Habermas o comunismo francês se mostrou falho e negativo, entretanto, ambos possuem críticas totalmente diferentes entre si, mas em comum e de maneira geral, reprovam o comunismo naquele contexto. Habermas acredita que alguns conceitos marxistas não são mais atuais, enquanto Foucault reprova a própria estrutura de poder no comunismo do século XX.

Todavia, é interessante notar que Foucault e Habermas possuem pensamentos antagônicos e que a estrutura filosófica de cada um caminha para um distanciamento impossível de ser superado.

Segundo Ortega:

O debate entre Habermas e Foucault seria, a meu ver, um debate impossível; Foucault e Habermas são os representantes paradigmáticos de duas formas antagônicas de pensamento; como se uma forma de pensamento se constituísse demarcando-se da outra. Para Foucault, o pensamento de Habermas representava uma posição filosófica que ele repudiava, um renascimento do tipo de filosofia, cuja crítica percorre toda sua obra, especialmente desde os anos setenta. (ORTEGA, 1999, p. 240).

Como nos lembra Eribon (1996), Foucault, mesmo tendo ciência que Habermas o criticava, nunca dedicou artigos ou conferências à sua obra, e só o mencionava em raras ocasiões – e na maioria das vezes porque lhe perguntavam sobre ele em alguma entrevista. As divergências entre eles parecem seguir um caminho totalmente oposto, Foucault parece evitar uma discussão que talvez não resultasse em progresso para os dois filósofos.

Sendo assim, nos propomos a pesquisar e descrever as posições teórico-metodológicas de Foucault e Habermas em relação ao marxismo predominante em sua época, e ainda comparar e contrastar essas posições para esclarecer as principais dissensões filosóficas entre ambos, pois elucidar as questões levantadas nos ajudará a compreender o universo teórico de cada pensador.

HABERMAS E O MARXISMO

Jürgen Habermas nasceu em Düsseldorf, Alemanha, em 1929. Estudou filosofia, história e psicologia nas universidades de Göttin-

gen, de Zurique e de Bona, tendo-se doutorado em filosofia em 1954 com uma tese sobre Schelling. Foi professor de filosofia na universidade de Heidelberg e ensinou filosofia e sociologia em Frankfurt. De 1971 a 1983 esteve no instituto Max-Planck, como diretor. Em 1983 retomou o seu cargo de professor na Universidade de Frankfurt, assumindo a cátedra de Horkheimer de filosofia e Sociologia.

Hoje, com 86 anos, Habermas é considerado o mais importante pensador alemão vivo, seu último trabalho publicado em 2010, mesmo com avisos médicos devido a sua visão ruim, mostra o quanto o filósofo se mantém lúcido e consciente do que diz respeito as questões políticas e econômicas atuais. Entretanto, assim como Aristóteles em relação a Platão, Habermas se opôs aos seus amigos e professores, se distanciou da teoria da estética de Adorno, do pessimismo teórico de Horkheimer e da ideia de razão em Marcuse. (FREITAG, 1993). Com a sua teoria da ação comunicativa, o pensador se mantém preocupado com a manutenção da democracia no mundo, porém, sua teoria se alimenta nas fontes que deram origem aos seus estudos, principalmente na relação entre homem e sociedade.

Todavia, na segunda metade do século XX na Europa, Habermas presenciou grandes mudanças e expectativas. Nos anos de 1980, por exemplo, o marxismo ainda era muito presente e já havia, há muito tempo, causado grandes tremores nas Américas também. Porém, o filósofo alemão identificou falhas no marxismo e nos governos que se diziam comunistas. As críticas ao marxismo tem sua origem acerca da concepção de trabalho elucidada por Marx, pois Habermas acredita que com o passar do tempo o modo de produção e, portanto, o modo de trabalho mudou. O pensador enxerga mudanças de extrema importância no modo de produção mais recente, são elas: técnica e ciência.

Portanto:

Devido às duas tendências de desenvolvimento mencionadas, a sociedade capitalista modificou-se a tal ponto que as duas categorias chaves da teoria de Marx, a saber, luta de classes e ideologia, não podem mais ser aplicadas sem restrições. (HABERMAS, 1975, p. 323).

Segundo Meszáros (2004 citado por Vieira et al., 2005, p. 01), Habermas parte da rejeição da teoria do valor-trabalho de Marx e o faz com a justificativa de que a tecnologia e a ciência se transformam na principal força produtiva, tornando inoperantes as condições da teoria do valor-trabalho de Marx. Ou seja, já não faz sentido calcular a quantidade de investimento de capital na pesquisa e no desenvol-

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

vimento tendo como base o valor da força de trabalho não-especializada (simples), quando o progresso científico-técnico se torna uma fonte independente de mais-valia, em relação ao qual a única fonte de mais-valia considerada por Marx, isto é, a força de trabalho dos produtores imediatos, desempenha um papel cada vez menor.

Habermas acredita que os meios de produção ganharam novas dinâmicas, pois a mercadoria produzida não é mais totalmente obra direta do trabalhador, agora há participação ou até mesmo substituição da tecnologia em relação ao operário. Os mecanismos que produzem a mercadoria são outros, mesmo que ainda haja o trabalhador, este deixou de ser o protagonista na produção. A tecnologia e a ciência, nunca como antes, possuem agora um papel que ocupa o que a força humana de trabalho outrora ocupou, portanto, a ideia de valor-trabalho trazida por Marx, não serve mais como análise do modo de produção atual.

Como elucida Nogueira (2002), o trabalho, assim como a sociedade, se encontram perpassados por uma intensa e progressiva racionalização, pois tanto um quanto outro se assentam e se identificam com a legitimação da racionalidade científica e técnica. A ciência se torna o novo mito das sociedades industriais e o apuro técnico é cada vez mais realçado para dar vazão aos ideais de progresso e do Bem-Estar Social. Encontramos aí outra observação bastante perspicaz de Habermas, ou seja, a ciência e tecnologia não são apenas novos modos de produção, são também fortes ideologias alimentadas pelo capitalismo. Habermas acredita que essa mudança se iniciou no final do século XIX, nos países capitalistas mais avançados.

As mudanças são as seguintes: “1) um acréscimo da atividade intervencionista do Estado que deve garantir a estabilidade do sistema, e 2) uma crescente interdependência entre a pesquisa e a técnica, que transformou a ciência na principal força produtiva.” (HABERMAS, 1975, p. 318). Portanto, tais mudanças escapam da análise marxista do capitalismo em um novo contexto. Habermas (1975, p. 318), crê em uma forma diferente de pensar o capitalismo, pois assim como Marcuse, entende que agora a técnica e a ciência assumem também o papel de legitimar a dominação das massas.

O pensador alemão esclarece essa mudança:

A ideologia básica da troca justa, que Marx conseguiu desmascarar teoricamente, fracassou na prática. A forma de valorização do capital na economia privada só podia ser mantida pelos corretivos estatais de uma política sócio-econômica que estabilizava a circulação. O quadro institucional da sociedade foi repolitizado. Ele hoje não mais coincide imediatamente com as relações de produção, ou seja, com uma ordem de direito privado que

garanta a circulação da economia capitalista, e com as correspondentes garantias gerais de ordem do Estado burguês. (HABERMAS, 1975, p. 318).

Se a mudança no modo de produção aconteceu, então se alterou também a relação entre o sistema econômico e o sistema de dominação. Segundo Marx, a crítica da economia política só se constituía em teoria da sociedade burguesa enquanto era uma crítica da ideologia, mas se a ideologia da troca justa desmorona, o sistema de dominação também não pode mais ser criticado imediatamente a partir das relações de produção. (HABERMAS, 1975).

Todavia, como aponta Habermas, uma mudança nos modos de produção gera uma mudança simultânea na forma de dominação, pois se os novos modos de produção acontecem a partir da participação do Estado, a dominação também passa a ser política. Embora tal dominação apareça de modo democrático, ela passa a exigir uma legitimação diferente da qual Marx explorou em seu Manifesto do Partido Comunista, por exemplo.

Habermas apresenta nessa passagem a nova estratégia de dominação, ela aparece como uma falsa democracia, pois há a participação da sociedade, porém tal participação é subversivamente controlada pelo Estado:

A dominação formalmente democrática nos sistemas do capitalismo regulado pelo Estado está sujeita a uma exigência de legitimação que não pode mais ser satisfeita pelas retomadas da forma de legitimação pré-burguesa. Por isso surge, no lugar da ideologia da troca livre, um programa de substitutivos, que não é mais orientado pelas consequências sociais da instituição do mercado, mas pelas consequências sociais de uma atividade de Estado que compensa as disfunções da troca livre. Ela conjuga o momento da ideologia burguesa do rendimento (que desloca, entretanto, do mercado para o sistema escolar, a atribuição de status conforme a medida do rendimento individual) com a garantia do mínimo de bem-estar social, a perspectiva de segurança do lugar de trabalho, bem como a estabilidade dos vencimentos. (HABERMAS, 1975, p. 319).

Assim, o sucesso individual, a segurança do trabalho fixo e a estabilidade do salário, garantem a valorização do capital e respectivamente vinculam a fidelidade das massas a essa forma de gerir a sociedade. Essa configuração de dominação se preocupa em excluir discussões sobre aceitação de padrões, pois só há um padrão, porém, para tanto, surge a necessidade de alienar a população. Conforme Habermas (1975), a nova política de intervencionismo do Estado exige, por isso, uma despolitização da massa da população. Na medida em que as questões políticas são excluídas, a opinião pública política perde sua função.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

Todavia, o programa de substitutivos, ou seja, a estabilidade e o padrão do indivíduo no sistema, não justificam justamente este ponto: a despolitização da massa. Porém, como tornar esse débito aceitável pela própria massa? De acordo com Habermas (1975), fazendo com que a técnica e a ciência assumam também o papel de uma ideologia.

O pensador alemão entende que o modo de produção no sistema capitalista sempre buscou produtividade, entretanto o progresso técnico entrou em circuito retroativo, pois o progresso da ciência moderna se tornou ainda mais importante. Todavia, com o passar do tempo, ambas, técnica e ciência, foram unidas para o sucesso do capital. Aqui Habermas esclarece tal ponto e posiciona Marx:

Com a pesquisa industrial em grande escala, ciência, técnica, e valorização foram inseridas no mesmo sistema [...]. Assim, técnica e ciência tornam-se a principal força produtiva, com o que caem por terra as condições de aplicação da teoria do valor do trabalho de Marx. Não é mais sensato querer calcular as verbas de capital, para investimentos em pesquisa e desenvolvimento, à base do valor da força de trabalho não qualificado (simples), se o progresso técnico-científico tornou-se uma fonte independente de mais-valia, face à qual, a única fonte de mais-valia considerada por Marx, a força de trabalho dos produtores imediatos, perde cada vez mais seu peso. (HABERMAS, 1975, p. 321).

Tecnocracia, é este o termo empregado por Habermas para denominar essa ideologia embasada na técnica e na ciência. O pensador acredita que tal ideologia é capaz de penetrar na consciência da massa despolitizada da população e gerar força legitimadora, e assim subtrair a possibilidade de auto-compreensão da sociedade.

Apesar das críticas, Habermas não reprova o marxismo por completo, apenas entende que sua estrutura conceitual não alcança mais as mudanças efetivadas no modo de produção moderno capitalista. Habermas crê que o sistema capitalista funciona em conjunto com a alienação das massas para que essa se volte ao consumo prioritariamente, assim como apontam Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento*. Porém, o filósofo acredita que seus antecessores, incluindo Max Weber, cometeram um equívoco ao conceituar a razão capitalista, pois estes confundem a modernização capitalista, que é calcada na razão instrumental, como sendo a própria racionalização societária. (PINTO, 1994). É através da comunicação que Habermas pretende sair deste impasse. Assim, se o mundo moderno é regido pela racionalidade instrumental, para Habermas é tarefa da razão comunicativa resistir a essa razão negativa e redirecioná-la.

É através do diálogo que Habermas acredita em mudanças, tanto que sua vasta produção filosófica se dá a partir de discussões realizadas com diversos outros autores contemporâneos a ele ou não. Segundo Pinto (1994), o estudo da sociedade deve incluir e, sempre que possível integrar enfoques teóricos divergentes. Em virtude desta postura, Habermas desenvolve sua teoria da ação comunicativa em um diálogo constante com autores de uma ampla gama de linhas teóricas. Assim, ele incorpora uma série de temas e contribuições que foram desenvolvidas, seja pelo funcionalismo, pela fenomenologia, pelo marxismo, ou pela própria teoria crítica da escola de Frankfurt, sua matriz original e mais importante. O pensador buscará então, construir um conceito de comunicação intersubjetiva com vistas a alcançar o entendimento coletivo.

Segundo Aragão (1992 citado por Pinto et al., 1995, p. 79), Habermas acredita que, na estrutura da linguagem cotidiana, está embutida uma exigência de racionalidade pois, com a primeira frase proferida, o homem já manifesta uma pretensão de ser compreendido, uma busca de entendimento.

Na teoria da ação comunicativa há um conceito fundamental: mundo da vida (*Lebenswelt*), que consiste em caracterizar, basicamente, o contexto que cada indivíduo está inserido. Ele se fundamenta a partir de três pontos, cultura, sociedade e pessoa. Habermas acredita que a fala humana nasce tendo como pano de fundo esses três atuantes. A cultura é entendida como o estoque de conhecimento que os atores suprem-se de interpretações quando busca a compreensão sobre algo. Já a sociedade, se caracteriza a partir das ordens legítimas através das quais os participantes regulam suas relações no grupo social. Por fim, a pessoa é entendida como as competências que tornam um sujeito capaz de falar e agir, ou seja, de compor sua própria personalidade. (PINTO, 1995).

Como esclarece Pinto (1995), tal caracterização se faz importante porque aquilo que o falante quer dizer com seu pronunciamento depende do conhecimento acumulado e realiza-se sob o pano de fundo de um consenso cultural anterior. Habermas vê na teoria da ação comunicativa a chance de resgatar o espírito democrático grego, ou seja, a participação da sociedade em questões que agora são dirigidas apenas a ideologia tecnocrática, o filósofo acredita que as questões fundamentais na sociedade não são técnicas, mas sim políticas e práticas.

Podemos dizer então que, para Habermas, a ação comunicativa surge como uma interação de, no mínimo dois sujeitos, capazes de falar e agir, que estabelecem relações interpessoais com o objeti-

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

vo de alcançar uma compreensão sobre a situação em que ocorre a interação e sobre os respectivos planos de ação com vistas a coordenar suas ações pela via do entendimento. (PINTO, 1995) Portanto, Habermas percebe que só através da comunicação a democracia se torna, de fato, real e que a razão instrumental pode ser superada pela ação de se comunicar, desde que a verdade prevalece no diálogo.

FOCAULT E O MARXISMO

Paul-Michael Foucault nasceu em 15 de novembro de 1926, na cidade de Poitiers, França. Após uma juventude não muito fácil, agravada por problemas familiares devido a sua homossexualidade, Foucault mudou-se para Paris onde cursou psicologia e filosofia na Sorbonne e lá obteve também seu doutorado. Antes de completar 30 anos já havia publicado seu primeiro livro, *Doença Mental e Psicologia*, em 1954. O pensador conviveu com vários filósofos importantes como Jean-Paul Sartre, Jean Genet, Canguilhem, Gilles Deleuze, Merleau-Ponty, Lacan e, claro, Habermas.

Além de ter lecionado em diversos países como Alemanha, Suécia, Tunísia e Estados Unidos, Foucault foi um ativista político, sempre engajado em defesa da liberdade intelectual, porém, faleceu em junho de 1984, devido a problemas agravados pela AIDS.

Foucault presenciou momentos importantes para o século XX, como a Guerra Fria e Maio de 1968, além disso, se posicionou contrário ao marxismo, porém suas críticas diferem daquelas que Habermas elaborou. Ainda assim, o filósofo francês reconhece a dimensão da corrente marxista no século XX:

Desde 1945, é verdade que, por toda uma série de razões políticas e culturais, o marxismo constituía na França uma espécie de horizonte que Sartre considerou em certa época como intransponível; na época era de fato um horizonte muito fechado, em todo caso bastante dominante. (FOUCAULT, 1983, p. 310).

Em uma entrevista em 1984, Foucault expõe sua observação em relação ao marxismo, como essa filosofia se posicionou e dialogou com outras formas de pensamento, como a fenomenologia ou os escritos de Freud, por exemplo, e também de que forma se apropriaram dela quando isso parecia interessar. Foucault comenta: “Há apenas pretendentes que tomam cada uma, a mão de Marx, e fazem uma bela roda. Só que isso não anda muito bem”. (1983, p. 310).

Todavia, o filósofo francês critica a estrutura epistemológica do marxismo, e não apenas conceitos que constituem os escritos de Marx. Toda filosofia de Foucault é construída se afastando de qualquer forma de antropologia universal ou de padrões de comportamento. Como nos lembra Lebrun (1985), Foucault utiliza o conceito de Finitude Moderna para designar formas de racionalidade e tentativas de decifrar o homem ou de responder algo de modo categórico, descarta qualquer filosofia deste tipo, que se encarregue, basicamente, de trazer a Verdade do Homem, tais como a fenomenologia, o positivismo e o marxismo. O mesmo acontecerá com Habermas, como explicaremos em breve.

Foucault expõe o que pretende a finitude moderna:

A finitude do homem se anuncia – e de uma forma imperiosa – na positividade do saber; sabe-se que o homem é finito, como se conhecem a anatomia do cérebro, o mecanismo dos custos de produção ou o sistema da conjugação indo-européia; ou, antes, pela filigrana de todas essas figuras sólidas, positivas e plenas, percebem-se a finitude e os limites que elas impõem, adivinha-se como que em branco tudo o que elas tornam impossível. (FOUCAULT, 2000, p. 432).

Diferente de qualquer tentativa empírica como as citadas, Foucault opta por uma crítica constante, e constrói sua argumentação a partir daí. O pensador busca pensar a história como uma interminável mudança:

A evolução da espécie não está talvez concluída; as formas da produção e do trabalho não cessam de modificar-se e, talvez um dia, o homem não encontre mais no seu labor o princípio de sua alienação, nem nas suas necessidades a constante evocação de seus limites; e nada prova, tampouco, que ele não descobrirá sistemas simbólicos suficientemente puros para dissolver a velha opacidade das linguagens históricas. (FOUCAULT, 2000, p. 432).

Sobre essa mesma “opacidade das linguagens” citada pelo filósofo, se inicia uma das principais críticas que Foucault tece ao marxismo, pois tal crítica possui como base problemas de linguagem.

Para compreendermos o primeiro problema, se faz necessário esclarecermos alguns conceitos, o primeiro deles é a hermenêutica dos sentidos. Foucault aponta que os marxistas se concentraram na análise dos fatos buscando nelas seus sentidos, caracterizando assim, a hermenêutica dos sentidos, ou seja, a interpretação de um fato tendo como objetivo encontrar o sentido por trás deste fato. Entretanto, influenciado por Nietzsche, Foucault opta pela genealogia como método de análise dos fatos, pois esta, opondo-se a hermenêutica, não busca encontrar sentido ou significado, ela simplesmente se pre-

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

ocupa em descrever as práticas e/ou discursos e suas relações, aqui a definição/decifração dos sentidos é apenas mais uma forma de luta, de enfrentamento para impor uma direção às coisas.

Aqui Foucault esclarece seu método de análise:

Descrever um enunciado não significa isolar e caracterizar um segmento horizontal, mas definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos (não sendo esta forçosamente gramatical nem logicamente estruturada) uma existência, e uma existência específica. Esta a faz aparecer não como um simples traço, mas como relação com um domínio de objetos; não como resultado de uma ação ou de uma operação individual, mas como um jogo de posições possíveis para um sujeito; não como uma totalidade orgânica, autônoma, fechada em si e suscetível de – sozinha – formar sentido, mas como um elemento em um campo de coexistência; não como um acontecimento passageiro ou um objeto inerte, mas como uma materialidade repetível. (FOUCAULT, 2000, p. 125).

Portanto, o pensador “recusa a essência das coisas, o sentido da história e a Verdade; bem como entende a história como “luta de interpretações”. Isto levou Foucault a recusar definitivamente a “hermenêutica marxiana” em favor da “genealogia nietzschiana”. (RAMOS, 2014, p. 109).

Outra observação levantada por Foucault ao marxismo diz respeito ao suposto caráter revolucionário do pensamento de Marx em relação ao pensamento de David Ricardo (1772-1823). É importante notar, que o filósofo não nega as diferenças e as críticas de Marx a Ricardo, apenas não as considera revolucionárias no que diz respeito a arqueologia do saber, vejamos...

Para Foucault, foi Ricardo que “ao dissociar formação e representatividade do valor, permitiu a articulação da economia com a história” (1999, p. 351), criando uma ruptura *epistêmica*. Assim, Marx não trouxe nenhuma ruptura que já não houvesse sido feita. O pensador elucidada:

No nível profundo do saber ocidental, o marxismo não introduziu nenhum corte real; alojou-se sem dificuldade, como uma figura plena, tranquila, confortável e, reconheça-se, satisfatória por um tempo (o seu), no interior de uma disposição epistemológica que o acolheu favoravelmente (pois foi ela justamente que lhe deu lugar) e que ele não tinha, em troca, nem o propósito de perturbar nem, sobretudo o poder de alterar, por pouco que fosse, pois que repousava inteiramente sobre ela. (FOUCAULT, 1999, p. 360).

Portanto, Ricardo antecedeu Marx, mas ambos possuem a mesma estrutura epistemológica, suas diferenças, porém, estão no modo de enxergar o resultado final do sistema, pois Ricardo é pessi-

mista, crê que a demanda sempre será maior que a produção, assim a produção não poderá mais preencher a falta, o que levará ao colapso do homem. Marx, por sua vez, entende que a História posiciona o homem no limite de sua sobrevivência, ou abaixo disso, porém essa situação o levará a desejar a reversão da História tal como ela se desenrolou até o presente. (FOUCAULT, 1999).

Entretanto, Foucault, por motivos já explicados, está longe de concordar com qualquer um deles:

Mas, sem dúvida, pouco importa a alternativa entre o pessimismo de Ricardo e a promessa revolucionária de Marx. Tal sistema de opções nada mais representa senão duas maneiras possíveis de percorrer as relações entre a antropologia e a história, tais como a economia as instaura através das noções de raridade e de trabalho. (FOUCAULT, 1999, p. 360).

Em síntese, Foucault não vê em Marx uma ruptura epistemológica que os marxistas creem, para ele, Marx opera sobre a mesma base epistêmica do pensamento burguês. (RAMOS, 2014).

Em seus trabalhos, Foucault se preocupou em decifrar as chamadas relações de poder, esse conceito perpassa todo trabalho do filósofo e talvez seja uma das maiores contribuições do autor ao pensamento contemporâneo, pois nos mostra que as relações de poder não são tão acentuadas como se pensava outrora, na verdade as relações de poder quase sempre são sutis, mas mesmo assim bastante negativas. Assim, mais uma de suas críticas ao marxismo estão embasados por essas relações.

Foucault não vê, como vários marxistas veem, uma relação simples de poder entre duas esferas, seja a burguesia e o proletariado ou o Estado e a sociedade em geral, pois o pensador francês entende que o poder está espalhado na sociedade e, portanto, não se concentra em uma ou outra instituição.

O pensador esclarece:

O que significa que essas relações aprofundam-se dentro da sociedade, que não se localizam nas relações do Estado com os cidadãos ou na fronteira das classes e que não se contentam em reproduzir ao nível dos indivíduos, dos corpos, dos gestos e dos comportamentos, a forma geral da lei ou do governo; que se há continuidade (realmente elas se articulam bem, nessa forma, de acordo com toda uma série de complexas engrenagens), não há analogia nem homologia, mas especificidade do mecanismo e de modalidade. (FOUCAULT, 2003, p. 26-27).

Assim, Foucault se afasta do marxismo de Althusser, por exemplo, que possui a noção de aparelho de Estado. Isto é, um Es-

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

tado que centraliza o comando de diversas instituições repressivas e ideológicas (polícia, educação, religião, mídia, justiça, etc.), deste modo, o grupo de indivíduos que controla o Estado utiliza esses aparelhos para impor sua vontade ao restante da população.

Foucault não crê nessa simples bipolaridade e centralização de comando, prefere enxergar o poder como algo disseminado em toda a sociedade. O pensador vê as relações de poder da seguinte forma: “Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças.” (FOUCAULT, 2003, p. 25).

Outra divergência apontada por Foucault diz respeito à relação entre saber e poder, pois alguns pensadores da corrente freudomarxista defendem que não pode haver conhecimento onde há poder, pois o saber só surge na ausência da dominação, da autoridade e do poder. Porém, Foucault acredita que há uma ligação bastante próxima entre saber e poder: “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”. (FOUCAULT, 2003, p. 27).

As relações de poder criam contextos e a partir daí reações, justamente onde surge um saber. “[...] fica evidente, por exemplo, que as relações de poder na fábrica permitem a constituição de um saber específico que aperfeiçoaram os mecanismos de aumento de produtividade e de controle político dos operários”. (RAMOS, 2014, p. 142).

Por fim, Foucault aponta um fato bastante pertinente no que diz respeito a qualquer resistência em relação a uma instituição de poder. O filósofo acredita que uma forma de resistência, tal como o marxismo ou o Partido Comunista, são também formas de poder, possuem as mesmas características do poder. Assim, “onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”, “são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irreduzível”. (FOUCAULT, 1998, p. 105-106).

A resistência é apenas outra interpretação dos fatos, é outra interpretação das coisas, outra forma de agir; pois, na luta e em suas reversões táticas e estratégicas surgem permutas, inversões, sobreposições, avanços, retrocessos, etc.. (RAMOS, 2014). Porém, as resistências anseiam por poder e domínio através de suas próprias convicções, isso não as torna diferente de seus rivais, seja ele um sistema econômico, um ditador ou uma crença religiosa.

Portanto, podemos perceber que há motivos diversos e bem embasados para a reprova que Habermas e Foucault fazem ao marxismo. Neste sentido, é possível perguntar: existem aproximações entre esses dois pensamentos?

HABERMAS E FOUCAULT

Antes de qualquer confrontação entre os pensamentos de Habermas e de Foucault, precisamos pontuar que “não houve entre eles nenhum intercâmbio, nenhum debate, nenhuma discussão, nem pública nem particular. Foucault não tinha a intenção de dialogar”. (ERIBON, 1996, p. 171). A partir deste impasse, buscaremos nas produções dos autores suas diferenças, entretanto, é interessante notar que as influências que ambos pensadores possuem também se distanciam, uma vez que Habermas possui um olhar bastante positivo em relação a Hegel e simultaneamente critica Nietzsche; Foucault opta por adotar a mesma abordagem de Kant para analisar o tempo presente e possui em Nietzsche, talvez, sua maior inspiração filosófica.

É possível que a única proximidade entre Habermas e Foucault, seja a influencia da primeira geração de autores da Escola de Frankfurt, de onde filosoficamente nasce Habermas, como nos mostra Junior:

[...] em seus últimos cursos e escritos não publicados em vida, o próprio Foucault reconheceu a proximidade de suas pesquisas filosóficas com o trabalho realizado pela teoria crítica da Escola de Frankfurt, à qual o nome de Habermas está inequivocadamente associado. (JUNIOR, 2013, p. 241).

Habermas, em seu livro *O Discurso Filosófico da Modernidade*, reserva um capítulo para tecer seus apontamentos e críticas às análises de Foucault, tais críticas tocam em pontos fundamentais da genealogia do filósofo francês, trata-se da relação entre poder e resistência que tratamos aqui.

Habermas explica a contradição que vê na teoria de Foucault do seguinte modo: O conceito de poder em Foucault não permite um verdadeiro ato de resistência, pois toda resistência já se encontra como sendo o início de um poder, e este também será acompanhado de uma nova resistência. (ORTEGA, 1999). Assim, a leitura de Foucault não permitiria pensar em uma resistência além das relações de poder, porém, o próprio Foucault notou esse círculo infinito e nega-

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

tivo e propôs uma nova interpretação das relações de poder.

Portanto, o que Foucault tinha até então, era uma relação entre saber-poder, ou seja, poder e resistência. Porém, o pensador faz um deslocamento em sua teoria em direção ao “si mesmo”, para que se possa pensar em uma tripla relação entre saber-poder-sujeito. Até então, se via em Foucault “uma nítida influência nietzscheana como relação de forças, mas isso será substituído por uma ideia de poder como governo, orientada para uma teoria da ação”. (ORTEGA, 1999, p. 243).

Ao utilizar o conceito de Governo, Foucault busca remover a ideia de rivalidade junto com a concepção mais guerreira do poder, opta por uma forma que garanta mais operabilidade.

Vejamos como Foucault apresenta essa mudança:

O modo de relação próprio do poder não deve ser buscado nem do lado da violência nem do lado da luta, nem do lado do contrato nem do lado do laço voluntário [...], mas do lado desse modo de ação singular – nem guerreiro nem jurídico – que é o governo. (1985 citado por Junior et al., 1999, p. 243).

Assim, o que o autor propõe é uma forma de gestão de si próprio e não apenas do Estado ou de qualquer outra instituição. Essa forma de governabilidade garante a administração do próprio sujeito. É aí que a nova relação entre saber-poder-sujeito passa a se caracterizar e ocupar o que antes Foucault havia apresentado, ou seja, a relação simples entre saber-poder. Agora as práticas de governo de si mesmo, ou seja, a forma com que eu decido minha orientação política, minha alimentação, o quanto me dedico aos cuidados físicos ou minha opção sexual, tais ramificações fazem parte da sociedade em geral, mas simultaneamente continuam sendo relações de poder/resistência comigo mesmo.

Ortega elucidada com a seguinte explicação:

O deslocamento para as técnicas e procedimentos de governo na análise do poder vai permitir a Foucault a elaboração das técnicas de si mesmo; a governabilidade é definida como a relação entre as técnicas do governo dos outros e as do governo de si mesmo. No governo pode-se tratar da condução de um estado, de uma casa, da alma, da consciência ou de si mesmo. A transformação do poder possibilita, por conseguinte, a transformação do sujeito. (ORTEGA, 1999, p. 243).

Com essa mudança o indivíduo passa a adquirir uma maior autonomia, justamente por poder reconhecer em si mesmo a capacidade de um autogoverno. Pode-se agora pensar em um sujeito fora da bipolaridade entre poder e resistência. Como diz Foucault: “Não

existe nenhum ponto de resistência ao poder político mais útil e com mais prioridade [...] que o consistente em uma relação consigo mesmo”. (1985 citado por Junior et al., 1999, p. 244).

Habermas também acusa Foucault de não fundamentar suas críticas políticas sobre normas universais. Todavia, quando falamos em normas universais, nos referimos a ideias concebidas historicamente que são apresentadas como verdades, por exemplo: por muito tempo se acreditou que o gênero era definido a partir do sexo do indivíduo, ou ainda, que o sol orbitava em torno da Terra. Porém, hoje em dia, cada vez mais vemos estudos que mostram que o gênero não equivale ao sexo, assim como há muito tempo se percebeu que é a Terra que orbita o sol.

Porém, a genealogia empregada por Foucault possui essa característica como fundamento, ou seja, não se apegar em normas universais para que se possa focar nas formas históricas de existência. Foucault não nega a existência das normas universais, o que ele faz é adotar uma crítica constante em relação a elas. O filósofo, em sua metodologia de abordagem, não busca constantes antropológicas, mas sim fazer aparecer a historicidade por trás de toda pretensão à universalidade. (ERIBON, 1996).

Como esclarece Foucault: “Não se trata de passar os universais pela lixa da história, mas fazer a história passar pelo gume de um pensamento que recusa os universais”. (1983 citado por Eribon et al., 1996, p. 178).

Eribon conclui que os apontamentos feitos por Habermas à Foucault são, no mínimo, desnecessários:

[...] devemos apelar à brutal simplicidade dos textos para concluir que as objeções de Habermas caem no vazio: para que sublinhar que Foucault erra em seu procedimento ao não se apoiar em normas universais, quando todo o trabalho de Foucault visa mostrar que essas normas não existem? Quanto à inesgotável discussão para saber se Foucault não reintroduz, contra a sua vontade, os transcendentais que ele quer esvaziar, é precisamente o gênero de exercícios escolares de que Foucault tinha horror, e que suscita ora sua hilaridade, ora seu furor. (ERIBON, 1996, p. 178).

Precisamos lembrar que o modelo ideal de comunicação, ou seja, a razão comunicativa proposto por Habermas é exatamente o tipo de pensamento que Foucault se opõe em toda sua obra. “A animosidade de Foucault também se explica pelo fato de que ele tinha a impressão de ver ressurgir nos meandros do pensamento de Habermas a partir dos anos 70 tudo aquilo contra o qual ele se constituiria filosoficamente.” (ERIBON, 1996, p. 172-173). O pensador francês

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

opta pela constante mudança e pela análise do tempo presente, sem fomentações do que se deve esperar do futuro:

Prefiro as transformações muito precisas que puderam ocorrer há 20 anos, em um certo número de domínios que concernem a nossos modos de ser e de pensar, às relações de autoridade, às relações de sexos, à maneira pela qual percebemos a loucura ou a doença, prefiro essas transformações mesmo parciais, que foram feitas na correlação da análise histórica e da atitude prática, às promessas do novo homem que os piores sistemas políticos repetiram ao longo do século XX. (FOUCAULT, 1984, p. 349).

As críticas de Habermas à Foucault foram possíveis e corretas, porém, Foucault reconheceu seus desacertos e, concomitante ao seu amadurecimento filosófico, refez alguns conceitos tratando de corrigir suas defasagens anteriores, entretanto, Habermas parece não notar as alterações de Foucault.

Junior faz a seguinte observação a respeito:

Trata-se, a meu ver, de uma visão da filosofia como continuidade, que imputa a um autor posições que este já não defende mais, como reflete a crítica de Habermas a Foucault, simplesmente pela incapacidade de aceitar as mudanças de opinião, de conceber um pensamento em constante movimento, transformação, cheio de contradições produtivas, percorrido por crises e abalos. (JUNIOR, 2013, p. 244).

Eribon conclui no mesmo sentido:

Como Foucault poderia confrontar o que fazia e o que pensava com as críticas de Habermas, quando este criticava precisamente o que ele não fazia mais, não pensava mais e há muito tempo repudiara? [...] Esses ataques parecem mais uma declaração de guerra contra inimigos a serem abatidos do que a vontade de abrir um diálogo. (ERIBON, 1996, p. 172).

A incoerência nesse diálogo que não aconteceu aparece quando notamos que em Habermas não existia uma verdadeira vontade de dialogar, de confrontar a teoria com outras posições de elucidação recíproca. (ORTEGA, 1999). Se Habermas acredita ser possível uma sociedade melhor através do diálogo, não vemos nele, pelo menos nas observações sobre Foucault, uma disposição para tanto.

Pouco antes de seu falecimento, Foucault foi questionado em uma entrevista por Paul Rabinow sobre sua rara participação em polêmicas, o mesmo respondeu:

Gosto da discussão e quando me fazem uma pergunta tento respondê-la. Mas é verdade que não gosto de polêmica. Quando abro um livro e vejo que o autor acusa seu adversário de “esquerdismo infantil”, fecho-o imediata-

mente [...]. Esta diferença me parece essencial: toda uma moral, que diz respeito à pesquisa da verdade e à relação com o outro, está em jogo [...]. No jogo sério de perguntas e respostas, no trabalho de elucidação recíproca, os direitos de cada pessoa são, de certo modo, recíprocos. Dependem unicamente da situação de diálogo [...]. Ao contrário, o polemista avança armado dos privilégios que possui logo de saída, e nunca aceitará fazer perguntas. Por princípio, ele detém o direito que o autoriza a guerrear e a fazer dessa batalha um empreendimento justo. A pessoa que ele tem diante de si não é um parceiro na procura da verdade, mas um adversário, um inimigo que não tem razão, que é nocivo, e cuja existência constitui uma ameaça. (1984 citado por Eribon et al., 1996, p. 180).

Nessa resposta Foucault não cita o nome de Habermas, porém, pensamos que em tal réplica há tudo que Foucault poderia ter respondido a Habermas quando suas críticas eram apresentadas. Entretanto, não há resposta mais clara do que aquelas que estão em toda obra de Foucault.

CONCLUSÃO

Concluindo, podemos afirmar que Habermas e Foucault apresentam críticas precisas em relação à estrutura marxista. Habermas observa a necessidade de repensar certos conceitos do marxismo que já não operam de acordo com o modo de produção atual, uma vez que estes ganharam atribuições muito maiores do que apenas produzir, pois são também agentes ideológicos e passaram a garantir a alienação das massas através da autonomia da ciência e da tecnologia, assim, o filósofo alemão vê a necessidade de fugir dessa situação através do diálogo ou, como ele prefere, através da razão comunicativa. Foucault, por sua vez, reprova o marxismo como um todo, pois vê nele mais uma tentativa de abarcar o sujeito em sua complexidade, o marxismo não passa de mais uma tentativa de trazer a Verdade, assim como o positivismo, a fenomenologia e também a razão comunicativa de Habermas. Através da genealogia, Foucault aposta em uma crítica constante sem pretensões de respostas seguras, mas temporárias, de acordo com o próprio tempo em que estamos inseridos.

A possibilidade de um debate entre ambos os autores não se concluiu, ora pelo caráter mais agressivo de Habermas, ora pela postura aristocrática de Foucault. De qualquer modo, seria uma verborragia entre surdos, pois Habermas e Foucault partem de bases epistemológicas distintas; a hermenêutica e a genealogia são dois métodos de análise diferentes que não precisam se excluir e não podem se

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jürgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.

unificar, podem apenas coexistir. Talvez resida nessa coexistência pacífica maiores benefícios e o melhor exemplo para o pensamento e a ação contemporânea.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

ERIBON, D. **Michel Foucault e Seus Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 2. Ed. v.1, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Entrevista In DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREITAG, B. **A Teoria Crítica Ontem e Hoje**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

_____. **Técnica e Ciência Enquanto “Ideologia”**. In: **Os Pensadores: Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril S.A. 1975.

JUNIOR, O. G. **Sobre Jürgen Habermas e Michel Foucault**. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 36, p. 19-32, 2013. Edição Especial.

LEBRUN, G. **Transgredir a Finitude**. In: RIBEIRO, R. J. et al. **Recordar Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

NOGUEIRA, P. **Habermas e a não centralidade formativa do trabalho, uma crítica filosófica ao marxismo**. In: Encontro Nacional da ANPED, 2002, Caxambu. Trabalho & crítica. Florianópolis: Editora Cidade Futura, 2002.

ORTEGA, F. **Habermas Versus Foucault**: Apontamentos para um Debate Impossível. Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v.26, n. 85, 239-248, 1999.

PINTO, J. M. R. **A Teoria da Ação Comunicativa de Jurgen Habermas**: Conceitos Básicos e Possibilidades de Aplicação À Administração Escolar. Ribeirão Preto: Paidéia, 1995.

RAMOS, I.G. **GENEALOGIA DE UMA OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA**: as apropriações dos pensamentos de Edward Palmer Thompson e de Michel Foucault pelos historiadores brasileiros na década de 1980. 2014. 543 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista.

RIBEIRO, R.J. **Recordar Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. M. **Foucault e os Domínios da Linguagem**. São Carlos: Claraluz, 2004.

VIEIRA, Z. R. **A Teoria Crítica de Habermas frente à perspectiva onto-prática de Marx**. Belo Horizonte: Verinotio, 2005.

HOFFMANN, Raul de Souza; RAMOS, Igor Guedes. *O Antagonismo entre Michel Foucault e Jurgen Habermas: uma análise mútua do marxismo no século XX*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 79-100, 2017.